

Apresentação

A seção Artigos do segundo número do volume 20 de GeoTextos traz, como texto de abertura, de autoria de Guilherme Silva de Sousa e Margarete Cristiane de Costa Trindade Amorim, uma análise das ilhas de calor urbanas superficiais (ICUs) em Natal-RN a partir dos dados de cobertura da terra e de precipitação, revelando que “as maiores diferenças de temperatura da superfície, tanto em episódios mais chuvosos quanto nos menos chuvosos, foram identificadas em áreas densamente construídas e impermeabilizadas”; por outro lado, “as menores intensidades das ICUs foram observadas em áreas caracterizadas pela presença de remanescentes de vegetação, especialmente do tipo arbórea ou de uso misto voltado para o cultivo agrícola urbano”. No texto que se segue, Matheus Carvalho e Paulo Cesar Zangalli Junior vão relacionar as alterações climáticas e as inovações tecnológicas no período contemporâneo com foco na mineração de criptomoedas, ressaltando que “as criptomoedas são responsáveis por relevante percentual de liberação de Gases de Efeito Estufa na atmosfera”. Para os autores, visando à maximização de lucros, “empresas focadas na prática de mineração de criptomoedas priorizam países com eletricidade proveniente da queima de combustíveis fósseis, devido aos baixos custos”, o que também redundará em impactos sociais, provocados por uma maior demanda por terrenos e energia, gerando aumento dos preços e elevação do custo de vida. O uso dos recursos hídricos é tema de reflexão para Jânesson Gomes Queiroz e Jairo Bezerra Silva, no terceiro artigo da seção, no qual objetivam “identificar os principais fatores que influenciaram no colapso hídrico no Perímetro Irrigado de São Gonçalo (PISG) entre 2012 e 2017”, no município de Sousa-PB. O período analisado, segundo os autores, “delineou-se mediante uma paisagem hidrossocial marcada por decadência produtiva, fome, miséria e migrações orientadas para vários estados do Brasil” e pela “insuficiência de políticas públicas voltadas à modernização da produção agropecuária e à gestão sustentável dos

recursos naturais, especialmente da água”. No quarto artigo da seção, John Wolter Oliveira Silva vai enfatizar a importância de uma reflexão sobre a oferta e a demanda do setor sucroenergético, sobretudo do etanol, em um contexto de mudanças climáticas e transição energética, se questionando “se a atual localização das atividades relacionadas à cana-de-açúcar e a seus derivados na Bahia caracteriza um processo recente de reorganização espacial do setor sucroenergético brasileiro”, para concluir “que a localização continua exercendo significativa influência no desenvolvimento do referido setor”, “considerando que em diferentes tempos históricos a localização representa início, continuidade e/ou fim da manutenção de um conjunto de relações de poder com implicações espaciais”. No artigo seguinte, a Lapa de Antônio Pereira, localizada em Ouro Preto (MG) e utilizada para fins religiosos desde o século XVIII, vai ser objeto de investigação de Leandro Cosme Oliveira Couto e Luiz Eduardo Panisset Travassos, que buscam caracterizar as compartimentações morfológica e antrópica deste ambiente cavernícola, verificando “que os usos antrópicos historicamente consolidados na Lapa de Antônio Pereira integram um conjunto cuja espacialização reflete diferenciações espaciais no interior cavernícola, identificadas por meio da compartimentação morfológica”.

Nos dois últimos textos da seção o foco recai sobre a realidade de dois municípios baianos: no sexto artigo, Fabrício Souza Teixeira, Débora Aguiar Barbosa da Silva e Tatiane Ribeiro Pinheiro buscam analisar o acesso à renda e os Programas de Transferência Direta de Renda em Ibiassucê-BA, município “com alta porcentagem da população vivendo em condições de pobreza e extrema pobreza, conforme os dados do Cadastro Único”, concluindo que “os desafios identificados para o acesso à renda” no município baiano “revelam uma complexa interconexão entre questões de emprego, pobreza, desigualdade e disponibilidade de recursos”. No artigo que se segue, Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega e Cacilda de Souza Santos objetivam analisar o território e a territorialidade dos mototaxistas e sua participação na mobilidade urbana em Senhor do Bonfim-BA, constatando, com a pesquisa desenvolvida, “que os mototaxistas têm papel demarcado no mercado de trabalho e na sociedade bonfinense, e que a realidade desses profissionais é decorrente das condições que lhes são impostas”, marcadas “pela falta de oportunidades para compor o mercado de trabalho por meio do emprego

com carteira assinada, devidamente protegido pelas leis trabalhistas, concomitante à necessidade de prover ou colaborar com a renda familiar”.

O primeiro artigo da seção Perspectivas, de autoria de Thais Hayashi Vaz de Arruda e Adriana Maria Bernardes da Silva, trata do papel exercido pelas firmas globais de consultoria no uso corporativo do território brasileiro, dedicando-se à análise de uma das maiores consultorias do mundo, a McKinsey & Company, frequentemente acionada para assessorar a privatização de infraestruturas territoriais e elaborar planos urbanos de caráter “estratégico”. Com base na pesquisa desenvolvida, as autoras vão constatar que “as consultorias de estratégia localizam seus escritórios nos pontos nodais da rede urbana, aproveitando e reforçando as vantagens locacionais da posição estratégica dessas cidades”, e, no caso específico da McKinsey, que “a consultoria incluiu o território nacional como um importante nó de sua arquitetura informacional global”. No segundo texto da seção, Everaldo Batista da Costa, Adriano Bittencourt Andrade e Vinicius Sodré Maluly partem da premissa de que Maurício de Almeida Abreu, Pedro de Almeida Vasconcelos e Antônio Carlos Robert de Moraes “protagonizam, inspiram e guiam, epistêmica e ontologicamente”, em diálogo com Milton Santos, “os estudos em Geografia Histórica Urbana no Brasil”, buscando analisar o uso dos conceitos neste subcampo disciplinar e sua caracterização. Nesse sentido, os autores ressaltam “a situação difusa dos conceitos e princípios disciplinares que sustentam a Geografia Histórica Urbana brasileira”. Assim, esses princípios, “fundamentais na Geografia, se perdem misturados a outros conhecimentos ou campos de saberes”.

E, finalmente, no artigo da seção Ensaios, Máira Kahl Ferraz quer analisar as possíveis contribuições das obras de bell hooks para a Geografia e, em especial, para a geografia humanista, focando nas noções de habitar, lugar e amor e tratando-as como temas geográficos, concluindo que há um grande potencial de diálogo do pensamento de hooks com “a Geografia preocupada em descolonizar o pensamento e a ação”.

Boa leitura!

Angelo Serpa
Editor Responsável

